

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **A MULTIFUNCIONALIDADE DO ELEMENTO MAS NA FALA E NA ESCRITA**

Paulo Henrique Duque (UFRN)

[ph.duque@uol.com.br](mailto:ph.duque@uol.com.br)

De acordo com o Dicionário Houaiss *contraste* representa o “grau marcante de diferença ou de oposição entre coisas da mesma natureza, suscetíveis de comparação”. Tal conceito nos evoca a primitiva significação comparativa do *mas*.

Cunha e Cintra (2001) informam que o termo vem da forma latina *magis* e que, também de *magis*, se originou o advérbio português *mais* – “designativo de aumento, de grandeza ou comparação”. Lembra ainda que *magis* (latim) tem a mesma raiz (*mag-*) de *mag-nus* (magno, maior). Ernout & Meillet (1959) informam que o advérbio latino *magis* era usado, no latim clássico, para indicar grau comparativo. O uso, que inicialmente se restringia a adjetivos desprovidos de marca morfológica de grau, estendeu-se aos demais, chegando a substituir o morfema comparativo de superioridade – *ior*. Quanto ao caráter opositivo, os autores (*Apud* Barreto, 1999; Castilho, 1997) dão as seguintes informações: o advérbio latino *magis* era frequentemente empregado ao lado de *sed*, sendo que a expressão *sed magis*, tomada em sua totalidade, introduzia uma ação que se realizava em lugar de outra, no caso, preterida.

A forma medieval *mays* se insere numa linha de continuidade com o latino *magis*, como diz Nunes (1980):

Para compensar a perda das demais conjunções latinas recorreu a língua a outras palavras, principalmente aos advérbios e preposições, e com elas criou novas, umas vezes se orientado com uma só destas partículas como *mas* [...]. A primeira forma desta partícula foi *mais*, como ainda pronuncia o povo, porém, já no período arcaico aparece a atual, que deve ter resultado daquela em virtude de próclise e perdendo a sua primitiva significação de comparativa, tomou a especial de adversativa.

A tentativa mais completa de explicar a transformação de *magis* a *mas* aparece em Corominas & Pascual (1980-1983),

[...] *mais* também se empregou como conjunção adversativa sinônima do atual *mas* que por outro lado representa a evolução da primeira palavra em posição proclítica; [...] ainda se empregava na linguagem es-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

crita do século XIV; [...] esta palavra, com esta acepção conjuncional, continua em uso hoje na linguagem dialetal de Portugal e do Brasil.

Neste mesmo sentido é a afirmação de Alvar & Pottier (1983): “O emprego de *mas* se explica a partir de um movimento de adição (cf.: mais), no qual o contexto se encarrega de criar a subtração subjetiva, de que falamos.”

Essa evolução do advérbio *magis* é ainda referida por gramáticas latinas e manuais de Filologia Românica, como a de Ernout & Thomas (1972):

Das partículas adversativas latinas, nenhuma sobreviveu. Entretanto o *mas* com o sentido de 'antes' chegou ao francês *mais*. Catulo 68, 30: Id, Manli, non est turpe, **magis** miserum est. *Não é vergonhoso, Manlio, (mas) é antes infeliz*; Sal.J. 96,2: ipse ab nullo repetere; **magis** id labore ut... "Ele NÃO reclamava nada a ninguém; Ele se esforçava antes (= ao contrário) [...]"

Também Bourciez (1967), refere-se à evolução do advérbio *magis*:

Para fazer surgir uma oposição entre duas frases contrárias usualmente recorria-se ao emprego de *sed* (mas) que foi substituído pela partícula *magis* no sentido de 'antes', como em “non equidem invideo, miror **magis**” (virg. Bucol. I, II) “quem non lucra, **magis** Pero formosa coegit” (Prop. 2, 2, 17). Esse processo ganhou rapidamente uma grande extensão na língua familiar.

Vale ressaltar que, nesta acepção, os termos latinos *potius* e *magis* apresentam uma estrutura que sugere substituição, ou seja, em latim havia ocorrências de *magis* com a função de conjunção adversativa operando uma retificação (*magis=potius*). Este funcionamento da partícula é visível em enunciados como:

(01) Id, Manli, non est turpe, **magis** miserum est (Catulo, 68, 30)

(02) Non equidem invideo, **magis** miror (Virgílio, Bucol., I, II)

(03) Neque quisquam parens liberi uti aeterni forent optavit, **magis** uti boni honestique vitam exigerent (Salústio, De B.Jug., 96, 2)

Em (01), (02) e (03), o valor de *magis* é muito próximo do valor etimológico adverbial e comparativo; em qualquer das frases, *magis* estabelece gradação entre predicados. Do ponto de vista pragmático, é dada, ao destinatário, uma instrução geral no sentido de este reconhecer um critério axiológico de gradação crescente en-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

tre dois constituintes homólogos. A negação da proposição do primeiro segmento ligada à introduzida por *magis* representa um apagamento, relativamente ao valor graduado atribuído ao constituinte que pertence ao primeiro segmento. Esse apagamento relativo exprime-se em diversas línguas por um morfema de negação ou pela desinência (ou por preposição) de ablativo ou “*terminus a quo*”. Só se pode considerar *mas* como conjunção quando, em vez de relacionar constituintes homólogos explícitos do primeiro e segundo segmentos, há extração de inferência do primeiro segmento, a que se opõe o conteúdo do segmento introduzido pelo *mas*.

Os usos do morfema adversativo em que se relacionam constituintes homólogos do primeiro e segundo segmentos têm, portanto, origem direta em usos análogos já observáveis em latim.

Embora as gramáticas tradicionais incluam o elemento *mas* na classe das conjunções, sabemos que, além de ligar orações, o item sob investigação tem outras funções, até mesmo mais significativas (Guimarães, 2002). Como vimos na seção anterior, o uso do elemento em tela, em contextos de fala, é pouco explorado pela tradição gramatical. Acreditamos, como Rodrigues (1995) que o *mas*, no discurso oral, desempenha funções que revelam uma “ampliação do seu âmbito de atuação”.

A atuação do *mas* para além dos limites dos sintagmas oracionais e não oracionais parece ter relação com a sua origem. Teria surgido do processo de gramaticalização do advérbio latino *magis* (Neves, 1984), cujo valor semântico era o de estabelecer comparações de quantidades e qualidades e inclusão de indivíduos no conjunto (Nunes, 1945). De acordo com Castilho (2003), o “valor inclusivo” o predispôs a atuar no módulo do discurso, como uma espécie de “conectivo de turnos e de unidades discursivas”. Em seguida, após transformações metonímicas, o *mas* teria passado a atuar no módulo da Gramática, como uma conjunção adversativa.

Dessa forma, ainda no latim clássico, *magis* desempenhava, no início, uma função de advérbio, na construção do comparativo de superioridade, e, depois, ao lado dessa função adverbial, a de conectivo, funcionando como uma espécie de retificador. Rodrigues (1990) utiliza dois exemplos que, respectivamente, ilustram as duas funções:

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

(04) *Disertus magis est quam sapiens (Cícero)*

(05) *Id, Manlius, non est turpe magis miserum (Catulo)*

O exemplo (04) nos remete ao *mas* retificador investigado por Ducrot & Vogt (1979), ou seja, o *masSN*. As características presentes em (04) são semelhantes às presentes na estrutura *P masSN Q*:

- a. Negação explícita de P, sintática e lexicalmente realizada;
- b. Apresentação de Q como retificação de P;
- c. Articulação de dois conteúdos semânticos.
- d. É parafraseado por *sino* (esp.) e *sondern* (alem.), “*mas sim*”, em português.

Identificamos ocorrências que contemplam apenas alguns dos traços apresentados por Ducrot & Vogt (1979), na identificação do *masSN*, como em (04) e (05).

(06) *O americano , ele não se enfia um na casa do outro, mas são profundamente prestativo. (Amostra 00(i) – R11)*

(07) *Dirceu afirma que não deixará o governo, mas confirma que chegou a entregar o cargo ao Presidente Lula. (O Globo –14/04/2003 - Cartas)*

(08) *Sugiro uma pena que não os imobilize, mas inclua a prática diária e obrigatória de lutas esportivas. (JB – 27/03/2002 -Cartas)*

Em (06) e (07), aplicam-se as propriedades (a) e (c). Em (08), acreditamos que, além das propriedades (a) e (c), possa ser aplicada também a propriedade (b). É importante ressaltar que, os exemplos (06), (07) e (08) não se enquadram completamente à categoria *masSN*, mas não parecem possuir o caráter argumentativo (na perspectiva de Ducrot & Vogt), apresentado pelo exemplo (09).

(09) *Cumprimento o jornalista Alberto Dines pelo artigo “A República – de 1964 a 2004 (27/03). Sem paixões ou dialéticas ideológicas, faz breve, mas sensata avaliação do período 1964 – 2004. (JB –02/04/2004 - Cartas)*

De acordo com Ducrot & Vogt (1979), em ocorrências como (09), a presença do conectivo *mas* seria marcada pela argumentatividade, ou seja, há um contexto *P mas Q20*, onde *P* é verdadeiro, o que levaria o interlocutor a *concluir R* (por ser breve, a avaliação poderia ser considerada insensata!). Porém, essa conclusão é anulada pois *Q* representa um argumento mais forte para *não-R* (a avaliação

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

é sensata). Ducrot (1981) representa esse esquema utilizando a imagem de uma balança.

O advérbio *magis* (comparativo de superioridade) teria se gramaticalizado no conector *mas*, visto que uma comparação é, antes de tudo, um confronto argumentativo, onde um termo é apresentado como mais importante que o outro.

(10) *Disertus magis est quam sapiens (Cícero)*

Em (10), o *magis* não é um conectivo de adversidade, ele é apenas um advérbio que estabelece a comparação de superioridade entre dois termos, fazendo ressaltar o primeiro: “ser bem falante”.

Segundo Rodrigues (2001), é precisamente a atribuição de certo grau de inferiorização ao segundo segmento (Q) que evidencia se o advérbio comparativo *magis* deu origem ao *masSN* ou ao *masPA*. Esse grau de inferiorização pode se realizar na forma de negação argumentativa (lexicalizada ou não).

Para Ducrot & Vogt (1979), “Num comparativo de superioridade, o segundo termo (o que é declarado como inferior) é sempre, do ponto de vista semântico-pragmático, o objeto de uma *negação argumentativa*”.

Em (10), há uma negação argumentativa, pois o “bem falar” foi valorizado em detrimento da “sapiência” que, segundo Ducrot & Vogt (1979), sairia negado argumentativamente. Para Rodrigues (2001), o *masPA* teria se originado do *magis* comparativo de superioridade, da mesma forma que *masSN*. A diferença residiria no fato de *masPA* ter surgido de ocorrências com negação argumentativa, como em (11).

(11) *Torço pelo Vasco, mas, nesse jogo, vou torcer pelo Friburguense.*

O valor argumentativo de um enunciado funciona como comentário do anterior. Guimarães (2002) defende que no caso das frases iniciadas com *masPA* – da mesma forma que as frases iniciadas com *e* – o conector “remete à frase anterior, em virtude da marca de comentário, que tem força anafórica de remeter a seu tema”.

Isso explica a tendência de o segundo segmento conter elementos de referência anafórica ao segmento anterior, como em (12):

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

(12) *Moro na Rua Antunes Maciel, em São Cristóvão, e existia um ponto de ônibus em frente ao São Cristóvão Futebol Clube, mas ele foi desativado e transferido para a Rua Pedro Segundo. (Extra – 15/01/2004 – Cartas dos Leitores)*

Apesar de os estudos acerca do *mas*, baseados na Semântica Argumentativa, serem profícuos e explicarem uma grande quantidade de ocorrências, a existência desses dois tipos de *mas* não deveria mascarar suas afinidades pragmáticas, pois, como afirma Maingueneau (1997), tanto em um caso quanto no outro, “institui-se um afrontamento entre o locutor e um destinatário (real ou fictício)”. Não se trata de uma simples oposição entre dois enunciados. Nas amostras analisadas, identificamos muitas ocorrências que não se enquadram em nenhuma das duas categorias apresentadas por Ducrot & Vogt (1979), além disso, consideramos pouco clara a noção de argumentatividade proposta pelos autores.

Ainda quanto à dimensão pragmática requerida por Maingueneau (1997), ao tratar do elemento *mas*, vale acrescentar aqui os estudos de Lakoff (1971). No que diz respeito ao *mas* (but), para a autora, haveria a exigência de um mesmo referente para os dois segmentos articulados. Quando este tópico não se encontra explícito, torna-se necessário resgatá-lo por meio de deduções e pressuposições. Para a autora, haveria, pois, dois sentidos básicos para o *but* do inglês: o de **oposição semântica** e o de **quebra de expectativa**.

A atribuição de apenas dois sentidos básicos para o *mas* parece não corresponder à realidade. Em nossos dados, detectamos ocorrências diversas que não se enquadram em nenhuma dessas nuances semânticas. Acreditamos que, devido a este problema, Neves (1984) tenha proposto sentidos que possam preencher os dois extremos apontados por Lakoff (1971).

Além disso, acreditamos que o fato de o elemento *mas* ser originário do advérbio *magis*, empregado nos comparativos de superioridade, parece corroborar a perspectiva adotada por Neves (1984), segundo a qual ambas as estruturas (*mas**SN* e *mas**PA*) apresentam em comum a *expressão de desigualdade*. A existência do significado básico “desigualdade” e as implicações, decorrentes dessa noção, são ignoradas pelos estudos até aqui apresentados, que basicamente bipartem as noções expressas pelo conector *mas* em *contrastiva* e *con-*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

*cessiva*, compondo dois grupos mutuamente excludentes. É como se as categorias *contraste* e *concessão* pertencessem a um mesmo nível.

O *mas* ocorreria entre duas entidades diferentes entre si. “Cada uma delas é não só sintaticamente externa, mas também marcada como desigual em relação à outra”. É a partir dessa premissa que a autora constrói um *continuum* contendo os graus de desigualdade entre os segmentos coordenados por *mas*: *desigualdade pouco caracterizada, contraste, contrariedade, comparação, desconsideração, oposição, rejeição e refutação* (Neves, 2006).

O *mas* pode relacionar uma simples desigualdade entre os segmentos ou introduzir um segmento que anule (elimine) o anterior. Para a elaboração desse *continuum*, Neves considera fatores como natureza da relação, direção da contraposição, existência ou não de gradação que pode, ainda, estar associada a variáveis, como por exemplo, o tempo.

Um enunciado de forma *p mas q* pode indicar uma relação cujo segundo membro coordenado admita (*contraposição*) ou anule (*anulação*) o primeiro. A contraposição dos segmentos pode se dar em direção semântica oposta, mesma direção semântica ou direções semânticas independentes. A direção semântica dos membros contrapostos por *mas* é estabelecida por meio de *contraste, contrariedade, compensação, restrição e negação de inferência*.

### **a) Contraposição em direção semântica oposta:**

O *contraste* caracteriza-se pela contraposição de segmentos, levando-se em consideração sua polaridade (positivo/ negativo ou vice-versa), como em (13) e (14):

(13) *O meu receio é que a proibição da exploração de bingos não elimine o jogo, mas termine por permitir que facínoras valorizem*

(14) *Sou a rainha dos calendários, mas nunca chego na hora. (JB- 17/03/2004)*

A *contrariedade* caracteriza-se pela contraposição de segmentos, levando-se em consideração a existência de expressões de significação oposta, como em (41):

(15) *Eles são muito evoluídos de um lado. mas são muito conservadores, por outro lado. (Amostra 00(i) – R11)*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

O *contraste entre diferentes* caracteriza-se pela contraposição de segmentos, levando-se em consideração a existência de expressões de significação diferente, como em (16):

(16) *O mercado está abastecido, mas a renda média da população tem caído. (O GLOBO – 26/11/2003 - Cartas)*

A *compensação* caracteriza-se pela contraposição de segmentos, cujo segundo compensa alguma fragilidade apresentada no primeiro. Pode haver gradação de argumentos (do mais forte para o mais fraco ou vice-versa) ou não. O *mas* pode ser parafraseado por “*mas em compensação*”.

(17) *Muito já foi dito. Muito já foi mostrado pela propaganda de vários governos que se sucederam no Rio, mas pouco foi efetivamente realizado, no sentido de resolver essas suas questões, que afetam gravemente o conforto e a saúde da população do Estado. (JB – 24/02/2004 - Opinião/Editorial)*

(18) *O dinheiro que se dá aqui pode atrasar a revolução, mas ajuda o cara na hora. (Extra – 18/09/2003 – Editoriais)*

A *restrição* caracteriza-se pela contraposição de segmentos, por acréscimo de informação (19) ou negação da inferência (20) de um argumento enunciado anteriormente.

(19) *A polícia é paga para agir de acordo com regras, que também inclui atirar para matar, mas em recurso extremo, quando em confronto. (O GLOBO – 13/03/2004)*

(20) *Tenha calma porque as mudanças vão acontecer, mas não imediatamente. (JB – 02/11/2002)*

Em (19), ao explicar que *a polícia é paga para agir de acordo com regras*, que inclui *atirar para matar* o cronista acrescenta informação, a partir do *mas*: *em recurso extremo, quando em confronto*. Já em (20), o editor, após o uso do *mas*, nega a possível inferência de que as mudanças venham a acontecer imediatamente.

### **b) Contraposição na mesma direção semântica**

A contraposição na mesma direção se caracteriza pelo fato de o segundo argumento ser superior ou, pelo menos, não inferior ao primeiro, como em (21):

(21) *Eu prefiro eu dá, pagá do que alguém dê um outro tipo decigarro a ela, entendeu? então... agora a verdade é essa, eu tenho na minha rua garotas*



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

*lindas! Maravilhosas! Que passam... lá em cima do Morro de São Carlos, Querose ali no Rio Comprido, daqui a pouco descem... (ruído) garotas que você (hes) se eu te dissesse, (hes) garotas, homens... também, meninas, mas principalmente as garotas, elas tem o vício, não tem como comprar, como pagar emdinheiro, elas se trocam pelo bagulho! (Amostra 00 (i) – r10)*

### **c) Contraposição em direção independente**

A contraposição em direção independente se caracteriza pelo fato de, no segundo membro, ser enunciado um argumento que ainda não foi considerado. O argumento anterior, apesar de admitido (= “ainda assim”), é menos relevante do que o que vem acrescentando, como em (22).

(22) *Na Rocinha, como em qualquer outra favela do Rio de Janeiro, existem pessoas de bem, mas, para os policiais, todos que lá habitam são bandidos (O Globo – 25/02/04 – Cartas).*

### **d) Eliminação do segmento anterior, sem substituição (oposição e rejeição)**

(23) *O estribilho sugere uma situação que a maior parte dos casais já viveu: a do homem que foi “experimental outro sabor”, mas volta porque “não larga o seu amor”. (JB – 28/03/04 – Cartas dos Leitores)*

### **e) Eliminação do segmento anterior, com substituição (refutação)**

(24) *Eu tenho uma impressão – e isso vem de um amigo nosso, que é comandante, mas não brasileiro, ele é americano. (Amostra 80 - c045)*

Além dessa escala, Neves (1984) defende que o registro dos graus da desigualdade estabelecido pelo **mas** só pode ser realizado com base no grau de admissão das entidades envolvidas. A escala de admissão vai de um mínimo, o **simples reconhecimento** ou **registro de existência** da entidade apresentada no segmento anterior ao **mas**, a um máximo, a **concessão**.

(25) *DI - De vez em quando, a gente lê em jornal, mesmo no Brasil e em outros países também mais ( ) problemas ligados a certos animais que estão desaparecendo, né?*

*L2 – Sim...*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

*DI – Não só animais terrestres... mas animais que vivem... na água.  
(NURC – D2 369)*

Em (25), ao tratar da extinção dos animais, o informante não nega que haja animais terrestres na lista. Pelo contrário, além de ratificar tal fato, adiciona ao grupo de animais ameaçados de extinção, os animais que vivem na água. Logo, não há anulação de nenhum dos termos relacionados por *mas*.

*(26) O quarto das minhas filhas é o lugar que eu mais gosto...ele é...não é muito grande...mas é jeitoso. (NURC – DID 084)*

*(27) O quarto das minhas filhas é o lugar que eu mais gosto...ele é...não é muito grande...mas é jeitoso. (NURC – DID 084)*

Em (26), a informante nega que o quarto das filhas seja grande, mas afirma que o cômodo é “jeitoso”. Verificamos em construções como essa, que o segundo segmento se opõe à inferência extraída do primeiro. É fácil depreender uma construção concessiva do exemplo (27):

*(27\*) O quarto das minhas filhas é o lugar que eu mais gosto...Apesar de não ser muito grande, ele é jeitoso.( NURC – DID 084)*

Apesar da validade da proposta acerca do *continuum*, a tivemos dificuldade de caracterizar, segundo a proposta de Neves (1984), muitos dados de nossas amostras, por não identificarmos traços de diferenciação entre uma categoria e outra, suficientemente claros, ou pelo fato de os dados não apresentarem desigualdades semânticas. De acordo com Urbano (1998), essa escala de desigualdade/oposição pode ser estendida aos níveis discursivos ou pragmáticos.

Ele demonstra que o conector *mas* relaciona características não excludentes entre si, mas que, pragmaticamente, costumam ser vistas como tal. A força argumentativa do *mas* seria comprovada em diálogo, quando um dos interlocutores inicia o seu turno com esse conector e o seu ouvinte retruca com frases do tipo: “não tem *mas*, nem meio *mas*”. Na construção “sou pobre, *mas* honesto”, o conector *mas* relaciona *pobre* e *honesto*, duas características que não se excluem. O mesmo acontece nos exemplos seguintes:

*(28) O Vasco tinha jogadores rápidos, mas fortes, bem preparados. (JB 08/03/04 – Notícias)*

*(29) Gostam de futebol, pipa, praia e carnaval. mas vivem na Rocinha, a maior favela do Brasil. (O GLOBO – 25/02/04 – Cartas)*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Apesar de as características relacionadas pelo *mas* não se excluïrem, o uso do *mas* contribui para que, pragmaticamente, essa impressãõ seja criada. Em (28), por exemplo, infere-se que um jogador rápido não poderia ser forte e, em (29), o fato de se viver na Rocinha impediria que uma criança gostasse de futebol, pipa, praia e carnaval.

Nessa mesma linha, Mateus *et al* (1989) defende que o *mas* normalmente representa a “expressãõ de não satisfação de condiões (necessarias, provaveis ou possiveis) para que uma dada situação ocorra”. Isso é claro nos exemplos seguintes:

(30) *A redução do recesso da alerj de 90 para 60 dias e o fim do pagamento por convocação extraordinaria são um grande auxílio para a recuperação da moral política. mas ainda não são suficientes. (O GLOBO – 23/03/2004)*

(31) *Fica, pois, a contribuição do Balanço Mensal: o crescimento ajuda, mas não basta para reduzir as taxas de desemprego. (JB – 14/09/2003)*

Além disso, Neves (2006) identifica no *mas* um papel bastante significativo na organização do texto. Ao comparar o *mas* com o *e*, a autora reconhece que enquanto a força do *e* está na simples mobilidade para a direita, que faz dele, o elemento mais eficaz na dinamização do texto, como sequenciador do texto, o *mas* exige uma certa atenção ao contexto precedente.

Essa fixação no contexto precedente justifica, na nossa opinio, o grande número de ocorrências cujo segundo segmento apresente elementos anafóricos, como em (58) e (33).

(32) *O cozinheiro Roberto Cláudio Bonao, de 38 anos, que há nove trabalha no bairro, já viu muitas batidas no local, mas todas antes do equipamento. (Extra –15/10/2003 - Notícia)*

(33) *Moro na Rua Antunes Maciel, em São Cristóvão, e existia um ponto de ônibus em frente ao São Cristóvão Futebol Clube. mas ele foi desativado e transferido para a Rua Pedro II. (Extra –19/04/2003 – Cartas dos Leitores)*

Seria essa referência ao contexto anterior, o motivo de o *mas* se tornar um “elemento de eleição privilegiada na abertura de caminhos novos, que ele marca como, de algum modo, divergentes ou discrepantes” (grifos nossos), ou seja, além do valor inclusivo, demonstrado acima, a fixação no contexto precedente contribui para que o *mas* desempenhe funões discursivas, como em (34).

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

(34) *E- O senhor pode me explicar como é que é, como o senhor faz ? Porque tem...*

*F - Olha, eu gosto de farofa com manteiga (est) então eu derreto a manteiga, pico bastante cebola, (est) que eu gosto muito de farofa acebolada, (est) faço um refogadinho, ponho um pouquinho de sal, quebro um ovo dentro, deixa ele ficá em ponto de ovo mexido, né? Quando (hes) ele tivê bem amarelinho já você joga um pouquinho de farinha. Não muito, pra num ficá muito seco [Ai, também detesto aquela <fari> que bate vento...] farofa molhada, é. (tosse f) [Horrível] Você faz aquele, né ? Faz uma passoquinha (est) com ovo, <tuma>, é... cebola, a manteiga, um poquinho de sal e fica uma farofinha gostosa. A cebola também que é o ponto alto da farofa, né?*

*E - mas eu acho que o senhor sabe cozinhar sim, o senhor tá escondendo o jogo [Não...] (riso e) essa farofa tá gostosa.*

*F - De vê a gente aprende.*

*E - É verdade (falando rindo). É... o senhor já sofreu algum tipo de...o senhor já sofreu... foi assalta: do, sofreu algum tipo de violência, ou sabe de alguém que já tenha sofrido ?*

*F - Não. Eu, particularmente, graças a Deus, nunca fui assaltado nessa cidade (ruído) e nem conheço pessoas conhecidas (est) que... tivessem sido assaltadas.*

*E - mas o senhor sabe assim de algum caso, de alguma coisa que deu na... que o senhor falou que gosta muito de ouvir [A: h! frequentemente] repórter, teve alguma coisa ultimamente que o senhor ouviu que assim marcou mais? A respeito da violência no Rio? Hoje em dia [tá] tá se falando muito nisso: violência no Rio, tal. Teve alguma coisa, algum acontecimento que marcou (inint) (Amostra 00 (c) – T31)*

Em casos como esses, o *mas* deixaria de estar integrado à estrutura sintática do enunciado para atuar em segmentos mais amplos (seqüências tópicas e subtópicas). De acordo com Rodrigues (1995), o *mas* atua na organização do discurso, por meio do estabelecimento de relações tópicas. Esse elemento pode ampliar ainda mais sua atuação, em estruturas de troca de turno. Para Castilho (2003), na interação conversacional, o *mas* liga turnos para organizar uma unidade de construção de turno. Em (34), por exemplo, o entrevistador lança mão do *mas* como um recurso para tomar o turno na conversação. Além disso, os valores léxico-semânticos do elemento em tela o pre-dispõem a atuar como elo de unidades discursivas.

A função discursiva do *mas* receberia contribuições de suas propriedades gramaticais (Schiffrin, 1997). A propriedade de o *mas*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

conectivo se fixar no segmento anterior é mantida no *mas* discursivo, por meio do efeito de retomada de tópico (sub-tópico), exemplificado a seguir.

(35) (...) *nessa transição [de] [de] de... que tá acontecendo na empresa, nessa informatização, nessa mecanização, otimização, em geral (est) pode tá havendo [alguma] algum conflito, né? da... E- É que as pessoas tão <de>...tão reclamando muito da demora, né?*

*F- É. Existe a fase de adaptação, os carteiros antigamente ficavam olhando... [Foi isso que eu imaginei]... Ai meu Deus, num sei quê, quanto... manipulando aquilo com a mão o dia todo (est) então, hoje ele tá deparando com a máquina, a máquina faz o que o carteiro fazia, então, o próprio carteiro...tá...fazê com a mão que é mais seguro...então, existe esse conflitozinho, viu? A questão de adaptação homem, máquina, **mas** a coisa tá se encaminhando pru lado da perfeição, a empresa lucra pela qualidade total do serviço, vai demorá um tempinho... essas coisas [num] num acontece da noite pro dia...(Amostra 00 (c) - 031)*

Em seu estudo a respeito do elemento “*maar*” (*mas*, em Holandês), Mazeland & Huiskes (2000) identificaram que, além de participar do mecanismo de ligação de unidades (elementos não sintagmáticos, sintagmas não oracionais e sintagmas oracionais), o *maar* participaria de mecanismos de contraste no nível da organização do discurso, relacionando turnos. Os autores verificaram três usos para o elemento alemão, em se tratando de ligação entre turnos: a) introdutor de objeção, semelhante ao do exemplo (36); b) marcador de continuidade de um assunto anterior, abandonado devido a algum tipo de interrupção do interlocutor, semelhante ao do exemplo (37) e c) marcador de resumo, semelhante ao do exemplo (38).

(36) *E- E a senhora ficava [sozinha]?*

*F- [E eu ficava sozinha] com os meninos. Olha, vou te dizer uma coisa, Maria Lúcia, até natal e ano novo, eu passei muito sozinha, sabe? Muitos natais e ano novo eu passei sozinha com os menino. E a minha nora reclamam da vida que, as vezes, os meninos (hes) chegam atrasados, chegam tarde, essas coisas, eu digo: "oh, minha filha, vocês não devem reclamar, não. Vocês levam até uma vida muito melhor que eu levei- poxa!"*

*E- Mas eu acho, dona Mariângela, que a mulher hoje ela sei lá ela não aceita com tanta facilidade assim.*

*F- Eu também acho. A mulher agora não aceita mesmo não, sabe? É porque foram habituadas - tiveram uma educação diferente, não é? (Amostra 80 - c47)*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Em (36), o entrevistador E objeta a explicação da falante F, sobre o papel passivo da mulher que, na sua concepção, deve aceitá-lo com resignação. Em objeção, E explica que a mulher mudou nos últimos tempos.

(37) **L1** - morando em Ipanema... eu sou suspeita pra falar...mas ( ) sinto tanto... eu não posso deixar de pensar em outras pessoas que ( ) Ipanema tem um clima... em termo...você disse que ( ) que as pessoas são todas iguais né... uma que não são... mas Ipanema tem um clima... que predispõe sabe... que dá possibilidade à pessoa de se abrir muito mais entende... você pode sair vestida de palhaço de lá... que ninguém vai olhar pra você...

**L2** - justamente é isso... é liberdade... você pode ser uma artista famosa... passa pela rua tranquilamente...

**L1** - ( ) às vezes... ninguém te incomoda... se você sai assim ( )

**L2** - [é... hum nem liga...

**L1** - ninguém está nem querendo saber como é que você está... ninguém nem presta atenção em você... porque aquilo ali ( )

**L2** - [é normal...

**L1** - assim tão boa de cada um viver a sua própria vida...quer dizer... logicamente tem suas desonrosas exceções...

**L2** - é claro... ( )

**L1** - **mas** já está todo mundo naquele espírito de cada um viver sua vida... levar sua vida sem se preocupar com a do vizinho... que ninguém está se importando se você sai de vermelho com verde... amarelo... roxo... ninguém está querendo saber a não ser... agora isso também traz um problema de solidão... né... se você fizer uma análise da...solidão...

**L2** - é justamente porque... uma vez uma... uma amiga falou pra mim... "engraçado aqui"... ela não é brasileira... então ela falou assim... ela é equatoriana... ela disse assim... "engraçado no Rio... principalmente Copacabana Ipanema Leblon... a gente anda cercado de gente à beça... mas ninguém olha pra gente... ninguém..."... e sozi/... você parece ir sozinha... e você po/... como... ela dizia... "pôxa eu não tenho muito poder aquisitivo agora... mas eu posso andar de calça Lee durante um mês que ninguém vai olhar pra mim..."... vai per/... dizer se ela está ruça... rasgada ou eu que ando muito bem alinhado... muito bem arrumado e ninguém repara... no mesmo bar em que se senta uma... uma... não digo um ... restaurante de luxo entende... mas um bar... um bar assim da moda em que senta um... um deputado... senta muito bem arrumado e tal... do lado dele senta um rapaz hippie... uma moça muito tranquila mesmo e não... não se sente choque... (NURC – D2 -147)

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Em (37), o *mas* marca a retomada de um assunto anteriormente abandonado. O Falante L1 falava de Ipanema e de seu ambiente favorável à liberdade de seus moradores e visitantes, quando foi interrompido pelo falante L2, que introduz uma fala complementar, referindo-se ao fato de artistas poderem perambular pelas ruas de Ipanema sem serem abordados. Finalizada a interrupção, L1 retoma sua linha de fala e de raciocínio, realizando a progressão do assunto para o problema da solidão dos moradores de bairros com as características de Ipanema. Antes de dar prosseguimento ao assunto, L1 faz um resumo de sua observação inicial (sublinhado).

De acordo com Mazeland & Hiskes (2000), nem sempre o falante retoma o assunto com a intenção de lhe dar prosseguimento. Às vezes, o assunto é retomado de forma resumitiva, a fim de se encerrar o (sub) tópico em tela.

(38) *D - o que acham do Rio de Janeiro como cidade?*

*L1 - a cidade é muito turbulenta... gostaria de morar numa cidade... mais calma... como Teresópolis... por exemplo...*

*L2 - eu não sei... justamente apesar de toda essa turbulênciaesse movimento todo... eu gosto de passar no máximo assim um mês fora... umas férias... mas no fim eu já começo a ficar assim aflita já começo a ficar nervosa nervosa porque não tem aquele movimento assim ( )*

*L1 - [talvez... talvez o que aconteça comigo é já muitavivência já... eu já estou cansada do ambiente... você é bem mais jovem do que eu... agora eu já procuro paz... tranquilidade... não é?*

*L2 - não eu sinto falta disso... porque ainda mais a gentrabalhando... principalmente o dia inteiro... horário integral... essa coisa toda... né? e isso cansa... e eu com filhos pequenos... duas meninas pequenas... tem realmente...( )*

*L1 - [é tem problema também...*

*L2 - mas de qualquer forma no máximo um mês eu já estou começando a ficar nervosa... pra vir pro movimento... que a calma já está me perturbando ((riso))*

*L1 - eu já consegui tirar umas férias de dois meses... e não me senti assim... entediada... não... de estar em Teresópolis... gosto muito de jardinagem... gosto mais da vida simples e sol ( )*

*L2 - [sim... eu também... eu pra sair assim... (NURC D2 269)*

Em (38), a falante L2 falava do fato de estar acostumada com o dinamismo da cidade do Rio de Janeiro e que, ao se afastar daquela

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

cidade, depois de um mês, ficava entediada e sentia vontade de voltar, quando foi interrompida por L1 que abriu uma linha de fala conorrente e passou a tratar da violência urbana. Concluída a fala conorrente, L2 re-apresenta a sua fala anterior de forma resumida.

Apesar da relevância dos trabalhos até aqui apresentados, cumpre destacar os estudos de Fabri (2001) e Rocha (2006). O primeiro investiga as diferenças no emprego das conjunções adversativas em diferentes tipologias textuais e o segundo trata do processo de gramaticalização desses conectivos.

Segundo Fabri (2001), os diferentes usos das conjunções adversativas, em textos escritos (de tipologias dissertativa, narrativa, descritiva e injuntiva), seriam, em parte, determinados por aspectos relativos às dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática.

Quanto à dimensão sintática, segundo a autora, o *mas* (objeto de nossa investigação) ocuparia sempre o início da oração adversativa. No entanto, a autora defende que o *mas* relaciona não só orações e períodos, mas também sintagmas não oracionais, parágrafos e conjunto de parágrafos.

No que concerne à dimensão semântica, a autora, baseada nos estudos de Neves, distribui os significados das conjunções em negação, retificação, contraste e quebra de expectativa:

- a) **Negação:** quando há o reconhecimento do conteúdo de um dado segmento e, em seguida sua refutação (39) e a negação do conteúdo de um segmento, contrapondo-se a um conteúdo já conhecido (40).

(39) *É um país sórdido que escamoteia até as palavras. [Quem deveria pagar IR], mas não o faz, não pratica sonegação, no vocabulário desse Brasil indecente. (Exemplo da autora)*

(40) *[No domingo passado, outros três homens foram presos sob suspeita de pertencer à gangue da batida], mas eles não foram reconhecidos pelas mulheres vítimas... (Exemplo da autora)*

- b) **Retificação:** quando o enunciado seguinte ao *mas* corrige, retifica o enunciado apresentado anteriormente (41), podendo mudar a orientação do assunto, dando sequência ao texto (42).



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

(41) *Eram 5 horas da manhã e [o cortiço acordava, abrindo, não os olhos], mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. (Exemplo da autora)*

(42) *[Se eu fosse pintor começaria a delinear este primeiro quadro de trepadeiras entrelaçadas, com pequenos jasmims e grandes campânulas roxas, por onde flutua uma borboleta cor de marfim, com um pouco de outro nas pontas das asas]. Mas logo depois, entre o primeiro plano e a casa fechada, há pombos de cintilante alvura, pássaros rápidos e certos... Mas o quintal da casa abandonada ostenta uma delicada mangueira, ainda com moles folhas cor de bronze sobre a cerrada fronde sombria... (Exemplo da autora)*

- c) **Contraste:** quando há entre os dois segmentos relacionados por **mas**, a comparação de um mesmo elemento ou elementos diversos (43).

(43) *[Durante uma conversa ou uma reunião, quanto mais você discordar, mais iminente será a briga... Posicione-se], mas refreie seus impulsos de levar a coisa para o lado pessoal. (Exemplo da autora)*

- d) **Quebra de expectativa:** Quando há um conhecimento de mundo partilhado que é pressuposto e quebrado a partir da oração iniciada pela conjunção adversativa (44).

(44) *[Há também quem se desanime com as fontes sulfurosas a70° C. Dizem que são terapêuticas], mas queimam a pele e fedem a ovo podre, a enxofre. (Exemplo da autora)*

Ao tentarmos classificar nossos dados, de acordo com esses significados, identificamos alguns problemas:

1 – Ausência de traços formais que tornem a classificação precisa. Não foi possível, por exemplo, diferenciar a **negação da quebra de expectativa**, em ocorrências como:

(45) *A CEDAE já recebeu diversas reclamações, mas não solucionou o problema. (Extra - 27/09/2003 – Cartas)*

2 – Se a **retificação** está relacionada à mudança de orientação (sub)tópica, como em (46), o **mas** estaria atuando em instâncias discursivas. Caberia, pois, enquadrá-lo, em casos como esse, no rol dos Marcadores Discursivos.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

(46) *Uma grande greve dos servidores federais está se organizando este mês. Uma parte da sociedade será a favor, outra vai dizer que são apenas pessoas que não querem trabalhar. Mas alguém já perguntou quanto desses profissionais realmente recebem? A maior parte do salário é composta por gratificações que não contam para a aposentadoria. Um professor universitário com doutorado tem salário básico decerca de R\$ 1000, 00... (O GLOBO – 27/01/2004 – Cartas dos Leitores)*

3 – No caso do contraste, novamente sentimos falta de marcas formais que nos auxiliassem na classificação. Detectamos, casos que se enquadram na definição da autora, mas que possuem características formais bastante diversas.

(47) *O mercado está abastecido, mas a renda da população tem caído. (O GLOBO – 29/02/2004 - Cartas dos Leitores)*

(48) *Muito já foi mostrado pela propaganda de vários governos que se sucederam no Rio, mas pouco foi efetivamente realizado, no sentido de resolver essas duas questões, que afetam gravemente o conforto e a saúde da população do Estado. (JB – 05/10/2002 -Editoriais)*

(49) *Não se pode, entretanto, ser contra a medida provisória que fecha os binhos. Vá lá, pode ser manobra, mas é certa. (OGLOBO – 26/02/04 – Cartas)*

(50) *Deixar bem claro ao infrator uma verdade antiga, mas sempre atual: o crime não compensa quando a sociedade o repele. (JB – 05/10/2002 - Editoriais)*

Em (47), (48), (49) e (50), o enunciado que se segue ao **mas** não elimina o enunciado anterior. Em (47) e (48), há ocorrência de dois elementos em oposição: *mercado x renda da população* e *abastecido x caído*, enquanto em (49) e (50) há oposição de conteúdo semântico expresso nos predicativos/ complementos relacionados.

No que diz respeito à dimensão argumentativa, a autora, mantém, em grande parte, a proposta apresentada por Ducrot & Vogt (1979). Acrescenta, porém, que mesmo o **mas**SN estabelece uma relação argumentativa, pois há o encaminhamento do leitor ao convencimento da proposta apresentada no primeiro segmento.

Quanto à dimensão informacional, a autora afirma que em todas as ocorrências, a presença da conjunção adversativa traz uma informação nova, permitindo, inclusive, o avanço para o enunciado seguinte e possibilitando a progressão textual.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Quanto à dimensão pragmática, de acordo com a autora, apenas as conjunções com o valor semântico de retificação responsáveis pela mudança de direção do tópico da sequência anterior funcionam como conjunções pragmáticas.

No entanto, acreditamos que, se entendemos a dimensão pragmática como intimamente relacionada ao contexto, todos os dados possuem uma cota de informação pragmática, embora isso fique mais evidente em exemplos extraídos de conversação.

Verificamos que o item em tela pode aparecer relacionando segmentos passíveis de descrição formal ou segmentos discursivos, como parágrafos (em textos escritos), tópicos e subtópicos e turnos (em textos falados). Apesar de atuar nessas diferentes instâncias, alguns traços são recorrentes, como foi assinalado nos trabalhos até aqui apresentados, como retomada, compensação, detalhamento de informações etc. De acordo com Sweetzer (1995), isso se dá devido à projeção entre os domínios de atuação do *mas*.

O termo “domínio” é utilizado pelas correntes teóricas cognitivistas e é usado para mostrar que o significado linguístico se processa cognitivamente. Domínios são estruturas organizadas da memória. Sweetzer (*Op. cit.*) propõe a existência de três domínios para o emprego das conjunções em geral, a saber: o do conteúdo, o epistêmico e o conversacional. O domínio do conteúdo é o domínio a partir do qual, em função de experiências físicas, como as sensorio-motoras, o falante elabora novos significados, graças a sua capacidade imaginativa, estabelece uma linearidade decorrente do mundo real; o domínio epistêmico se refere ao raciocínio, ou seja, é o domínio no qual se estabelece uma linearidade decorrente de um processo lógico e o domínio conversacional que se relaciona aos atos de fala.

De acordo com a autora, a análise do *mas* deve se fundamentar na relação de sentido existente entre os domínios epistêmico e conversacional, pois seu uso não reproduz iconicamente uma ordem de eventos sucedidos no mundo real, e sim uma ordem de premissas que levam a uma conclusão.

Para a autora, a adversativa *mas* conecta segmentos, cujos conteúdos “colidem” entre si. No domínio epistêmico teríamos:

(51) *Ela já se formou, mas ela não pára de estudar. (Amostra 00(i) – r7)*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

No exemplo (52), o fato de ela ter se formado levaria à conclusão de que ela tenha parado de estudar, o que colide com a informação introduzida por *mas*. O choque pode dar-se também entre duas conclusões implícitas, suscitadas por duas premissas conectadas por *mas*, como em:

(52) *Eu não acho correto menina de dez, onze, doze anos vê certos programas... isso vai do pai, mas os pais nem sempre estão em casa. (Amostra 00 (i) – r11)*

Em (53), é o pai que concede o direito de uma criança assistir a certos programas. Isso nos leva à conclusão de que os problemas causados pelo contato da criança com certos programas têm solução, mas o fato de os pais nem sempre estarem em casa funciona como premissa para a conclusão contrária. Em ocorrências como (79), Sweetzer (1995) vê dois argumentos que se encaminham para conclusões distintas, ou melhor, são mutuamente excludentes.

No nível conversacional, a colisão pode se dar entre as intenções dos atos de fala:

(53) *O Frederico fica com ciúmes, que diz que eu sou mais assim com a Tatiana do que com o Gustavo. Não é verdade, a Tatiana é mais na dela, mas o Gustavo é muito levado, eu não aguento ele. É divertido. (Amostra 80 – c047)*

Em (54), há duas sugestões indiretas apresentadas como atos de fala – ser mais apegada à Tatiana ou ser mais apegada ao Gustavo. Segundo Rocha (2006), as relações contrajuntivas estabelecidas pelo *mas* ocorrem nos domínios epistêmico e conversacional da linguagem, devido a uma motivação metafórica originada de ambientes que apresentavam partículas de sentido negativo. A autora concluiu que, por motivações conceptuais, determinados elementos, como o *mas*, no decorrer do tempo, adquiriram traços que possibilitaram a sua inserção no grupo das conjunções adversativas.

(54) [Foi omitido o exemplo 54]

A não co-ocorrência de partículas negativas se justifica:

1 – pelo caráter não adversativo do *mas*: intensificador (55), aditivo - (56) ou focalizador (57);

2 – pelo caráter de ressalva das construções relacionadas por *mas* (58);

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

3 – pelo uso de outros recursos, no lugar do contraste (+/- ou -/+), como: oposição estabelecida pelo uso de termos de signifi-  
cação diversa (59); oposição no domínio epistêmico (60), mudanças  
de parágrafos, (sub)tópicos e tópicos (61) e mudanças de turnos (62);

(55) *É um negócio terrível, mas terrível mesmo. (Amostra 80 –c044)*

(56) *Eu me sinto muito bem lá, porque as pessoas lá são responsáveis. Impres-  
sionante a diferença. Mas também tem um lado deteriorado, né? da socie-  
dade em si, eles são muito evoluídos de um lado mas são muito conserva-  
dores por outro lado. (Amostra 00(i) – r11)*

(57) *No entanto alguns dos maiores artistas plásticos hodiernos (gostaram?)  
são humoristas. Muitos deles como, por exemplo, André François, Stead-  
man e o próprio Steinberg, reconhecidos. Mas no gueto. (JB –27/10/2002  
Crônicas)*

(58) *engraçado que eu gosto muito de chuchu embora todo mundo ache chuchu  
uma coisa assim sem graça... aguada... mas eu gosto... e carne a... aqui em  
casa nós fazemos de várias formas... (NURC – DID 0012)*

(59) *O nosso corpo de repente acaba aqui, mas a consciência é uma coisa  
que... ou se a gente é uma máquina biológica, né? (Amostra 00 (i) – r07)*

(60) *Jean, Linnike e Lucas são três adolescentes com direito à vida e a saúde  
garantido na Constituição e no Estatuto da Criança e do Adolescente...  
Sonham com um futuro melhor, e gostam de informática, música, festas e  
roupas novas, como qualquer adolescente. Gostam de futebol, pipa, praia  
e carnaval. Mas vivem na Rocinha, a maior favela do Brasil, e convivem  
com adultos divididos entre facções de traficantes e a polícia. (O Globo –  
25/02/2004 - Cartas)*

(61) *A vitória sempre inebria, ainda mais uma vitória conseguida depois de  
tantas tentativas e tantos anos de militância. Mas a “onda vermelha” que  
parecia ter tomado conta do país não está traduzida politicamente nem no  
Congresso e muito menos nos governos estaduais. (O Globo – 27/01/2002  
-Editoriais)*

(62) *F - A cebola também que é o ponto alto da farofa, né? E – Mas eu acho  
que o senhor sabe cozinhar sim, o senhor ta escondendo o jogo [Não...]  
(riso E) essa farofa ta gostosa. (Amostra 00 (c) – t31)*

Rocha (2006) categoriza o *mas* como um dos operadores que  
contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias. Para  
isso, faz referência ao esquema de Koch (2001), citado anteriormente  
neste trabalho. Acreditamos, com Rocha (*Op. cit.*), que as conjun-  
ções não estabelecem por conta própria relações de sentido entre as  
partes interligadas e que o uso de algumas expressões pode ser ne-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

cessário para reforçar uma ideia de contraste já existente em certos contextos.

- (63) *O fundo não garante o pagamento de todas as despesas, mas é uma esperança de fechar o ano com tudo em dia – comemorou o secretário estadual de controle, René Garcia. (O Globo – 25/10/2002)*
- (64) *O cozinheiro Roberto Claudio Bonaço, de 38 anos, que há nove trabalha no bairro, já viu muitas batidas no local, mas todas antes do equipamento. (Extra – 07/01/2004)*
- (65) *E- E ele dorme?*

*F- Esse de quarta ele vai dormir. Dorme de pega de acho que é de seis da tarde até seis da manhã do dia seguinte. Mas, em compensação, no dia seguinte ele não trabalha lá, sabe? (Amostra 80 – 047)*

- (66) *ah... é... não... não... a titia... aqui a gente varia... a gente come carne de boi... pode comer... a gente come galinha também... come peixe... ela procura fazer um... uma coisa assim de cada... eh... em cada dia da semana a gente procura variar... mas a base mesmo é a carne... porque eu acho que sai mais barato... peixe... por exemplo... se você compra... a gente compra só em dia de feira... porque é o peixe mais fresco... o peixe na peixaria geralmente é muito caro e na feira é mais fresquinho e é mais em conta... sabe? então a titia compra o peixe e faz ou frito ou faz cozido com pirão... eh... faz também... às vezes ela faz esca/ faz aquela... tira aquele filé de peixe que a gente come com molho de camarão... (NURC – DID 0012)*

Em (63), identificamos a co-existência da negação lexicalizada. Para Peres & Negrão et alii (2001), quando “o operador negativo” está adjacente a sintagmas não oracionais, ele funciona como marcador implícito ou explícito de contraste entre dois sintagmas (67). Há casos em que o contraste é estabelecido entre um elemento de forma **não x** e um segundo elemento elíptico (68). Há também a fórmula (69). Neste último caso, de acordo com os autores, o paralelismo resulta numa inclusão, e não num contraste.

- (67) *Tinha plantação de café... eu acho bonito aquilo tudo assim como paisagem... mas não como meio de vida... eu não me adaptaria a isso... (exemplo do autor)*
- (68) *Transformando...os elementos...a seu gosto...portanto o artista é aquele que...sabe ver... não a imagem prática e vulgar... que tem a sua... mas a imagem dos outros... (exemplo do autor)*
- (69) *... falamos não só daquilo que ele passa... mas (também) de outras profissões existentes... (exemplo do autor)*

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Em (64), a co-existência da recuperação de itens do segmento anterior (por meio de um elemento anafórico = ‘todas’) parece, por si só, introduzir o caráter restritivo do enunciado. Em (65), a expressão ‘em compensação’ favorece a interpretação contrapositiva de compensação, dos segmentos relacionados por *mas*.

Em (66), o item lexical ‘mesmo’ fortalece o caráter de ressalva da construção em tela. Ao término desta parte de nosso trabalho, gostaríamos de oferecer nossa classificação de tipos e funções desempenhadas por *mas*. Lembremos que a proposta de Ducrot & Vogt (1979), ao considerar o papel do elemento na organização argumentativa, identificou um *mas* argumentativo (*masPA*) e outro de refutação (*masSN*). Segundo o autor, *mas* argumentativo opõe uma conclusão inferível do argumento expresso no primeiro segmento a uma conclusão explícita no segundo, revelando uma espécie de ressalva; e o não-argumentativo, que introduz um segmento, cujo conteúdo **retifica** ou **substitui** o conteúdo do segmento anterior.

Esse último possui duas características essenciais: a presença de negação lexicalizada no primeiro segmento e a condição de ser parafraseável por “*mas sim*”. Segundo os autores, este segundo tipo revela uma simples oposição semântica. Apesar da relevância desse estudo, não conseguimos aplicar a bipartição categórica entre oposição e concessão a uma série de ocorrências encontradas nos *corpora* adotados nesta investigação. Ocorrências como (70), (71) e (72) ilustram esse problema:

(70) *Que tal o cheque chapinha? Mas, para todo mundo, hein? (O Globo – 23/10/2002)*

(71) *Dizem que o Exército não foi preparado para tomar conta das ruas, mas deveria ser. (O Globo – 05/03/2004)*

(72) *O que ainda se salva é o talento dos produtores tupiniquins, mas não é só o vídeo. A barra ta pesada na publicidade também. (JB – 07/03/2004)*

Recorremos aos estudos de Lakoff (1971), nos quais a autora identifica dois sentidos básicos para o *mas* argumentativo de Ducrot & Vogt: o de quebra de expectativa e o de oposição semântica. No entanto, tanto a investigação dos autores quanto os estudos de Lakoff (*Op. cit.*) não esclarecem todos os empregos de *mas* que aparecem no português.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

A fim de resolver esse problema, Neves (1984; 2000; 2006) propôs uma definição semântica básica para o *mas*, independente da sua performance na orientação argumentativa de enunciados: os graus de desigualdade, que se manifestam numa escala, que vai da simples desigualdade entre os segmentos até a completa anulação do conteúdo do primeiro segmento. Além disso, identificamos, nos trabalhos de Neves (op. cit), uma escala de admissão do conteúdo do primeiro segmento, que vai da simples admissão ou reconhecimento da existência desse conteúdo até os casos de concessão. Utilizando as duas escalas propostas por Neves (*idem*), tornou-se possível caracterizar ocorrências como a (70), (71) e (72).

Apesar da riqueza do trabalho desenvolvido pela autora, algumas noções como a de ‘oposição’ não ficaram claras devido a ocorrências como (73).

(73) *Cumprimento o jornalista Alberto Dines pelo artigo ARepública – de 1964 a 2004 (27/03). Sem paixões oudialéticas ideológicas, faz breve, mas sensata avaliação do período 1964 – 2004. (JB - 30/03/04 – Cartas)*

Em (73), por exemplo, *breve* e *sensata* não são excludentes do ponto de vista semântico, o que dificulta a aplicação de noções como a de ‘oposição’. Para Urbano (1998), no entanto, a proposta de Neves deve ser analisada não só do ponto de semântico, *mas* também do ponto de vista pragmático.

Neves (2006) afirma que o caráter remissivo do *mas* ao contexto precedente contribui para suas funções discursivas na organização tópica e troca de turno. Quanto aos usos discursivos do *mas*, Schiffrin (1989) defende que suas características se desenvolvem a partir de suas propriedades gramaticais.

Em relação ao problema das instâncias de atuação do elemento *mas*, Sweetzer (1995) parece encontrar a solução, a partir da noção de domínios. Segundo a autora, o *mas* atuaria nos domínios epistêmico e conversacional. Isso explicaria seu caráter argumentativo, pois a ordem das cláusulas relacionadas pelo *mas* não reproduz iconicamente a ordem de eventos sucedidos no mundo real (domínio do conteúdo), mas sim uma ordem de premissas que levam a uma conclusão.



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Qual seria a motivação para o surgimento das relações contra-juntivas estabelecidas pelo *mas*? De acordo com Rocha (2006), em função de uma motivação metafórica, o valor contra-juntivo do *mas* teria se originado em ambientes que apresentavam partículas de sentido negativo.

A partir dos estudos acerca do elemento *mas* e, com vistas a caracterizar ocorrências ainda não contempladas, propomos um quadro contendo as funções mais representativas do *mas*. Nele, destacamos:

- 1 – O tipo de segmento relacionado pelo *mas*, se sintagmas (oracionais ou não), (sub) tópicos ou turnos;
- 2 – A caracterização do ambiente de ocorrência de *mas*, bem como possíveis paráfrases;
- 3 – O trato das informações presentes nos segmentos relacionados pelo *mas*;
- 4 – Exemplificação com dados extraídos dos *corpora* utilizados neste trabalho;
- 5 – Função semântica desempenhada pelas construções introduzidas por *mas*.

| Tipos de segmentos relacionados pelo <i>mas</i>  | Observações  | Trato das informações                                  | Exemplificações  | Função Semântica |
|--|--|--|--|------------------|
| Sintagmas não-oracionais<br><br>Sintagmas oracionais   | Parafra-seável pelo conectivo de adição “e” Presente nas seguintes fórmulas: “mas também” e “não só... <i>mas também</i> ”.<br>Introduz um segmento cujo tópico tenha sido citado no segmento anterior.<br>O sujeito do segmento introduzido por <i>mas</i> normalmente é implícito. | Acréscimo de informações novas sobre um referente dado | <i>Lá as pessoas são responsáveis. Impressionante a diferença. Mas também tem um lado deteriorado da sociedade em si. (RE-CONTATO –R11)</i><br><i>É o feijão tipo o daqui...a gente pode comparar ao feijão manteiga...sabe...mas também uma delícia. (NURC – DID 012)</i> | Adição           |
| Unidades do sintagma não oracional;<br><br>sintagmas não oracionais;<br><br>sintagmas oracionais | Mudança de entonação: Ênfase<br>Coocorrência de expressão enfática: “mesmo”, “à beça”, “demais” etc.<br>Repetição do item lexical mencionado no segmento anterior ao introduzido por <i>mas</i> .  | Intensificação da informação                           | <i>E- Como são seus vizinhos?</i><br><i>F – Maravilhosos. Ótimos vizinhos, mas ótimos mesmo. (CENSO - 048)</i>   | Intensificação   |

## Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

|  |   |  |  |                         |
|--|---|--|--|-------------------------|
| Sintagmas oracionais   | Interpõe-se na construção sintagmático-oracional, focalizando o sintagma que lhe segue.   | Realce de informação   | Para que ter <i>bang bang</i> , hoje em dia, se nós já temos, <i>mas</i> nas ruas? (CENSO -048)  | Focalização             |
| Sintagmas não oracionais<br><br>Sintagmas oracionais               | Parafraseável por "mas sim".<br>Coocorrência de negação lexicalizada no segmento anterior ao introduzido por <i>mas</i> .<br>Parte do segmento introduzido por <i>mas</i> está implícito. | Substituição de uma informação por outra   | <i>A minha participação não é de intromissão, em absoluto, mas de apoio.</i> (RECONTATO - R11)   | Substituição            |
| Sintagmas oracionais   | Parafraseável por "mas em compensação"<br>Existência de negação lexicalizada no segmento anterior ao introduzido por <i>mas</i> .   | A informação é introduzida a fim de compensar o tom negativo da informação presente no segmento anterior ao introduzido pelo <i>mas</i>                    | <i>Os americanos não se enfiam um na casa do outro, mas são bastante prestativos.</i> (RECONTATO - R11)  | Compensação             |
| Sintagmas oracionais   | Existência de negação no segmento introduzido pelo <i>mas</i> .<br>Pode-se depreender uma conclusão no segmento anterior ao introduzido pelo <i>mas</i>                                   | Há uma quebra de expectativa em relação a uma consequência possível a partir da informação apresentada no segmento anterior ao introduzido pelo <i>mas</i> | <i>Ela já se formou, mas ela num parou de estudar.</i> (RECONTATO - R07)   | Quebra de Expectativa   |
| Elementos dentro do sintagma não oracional<br>Sintagmas oracionais | Parafraseável por "mas mesmo assim"   | A informação apresentada no segmento introduzido por <i>mas</i> faz uma ressalva em relação ao conteúdo do segmento anterior                               | <i>Hoje em dia lá tem bancos, tem lojas, mais lojas e tal, mas o comércio é mais ou menos restrito no mesmo lugar, não cresceu muito.</i> (CENSO - 045)  | Ressalva                |
| Subtópicos discursivos   | Após uma digressão, um assunto anterior é retomado.   | Há retomada de uma informação tratada anteriormente.   | <i>Engraçado que eu gosto muito de chuchu embora todo mundo ache chuchu uma coisa assim sem-graça...aguada... mas eu gosto...</i> (NURC - DID 012)   | Retomada de subtópico   |
| Subtópicos ou tópicos discursivo                                   | Utilização frequente de mecanismos de topicalização marcada   | Acréscimo de informação nova por meio de introdução de novas unidades discursivas  | <i>... a primeira Constituição Francesa... que surge nessa fase... nós vemos que ela é elaborada pelos representantes da burguesia... Mas a segunda fase da Revolução... vocês viram... foi a fase da Convenção... essa fase foi uma fase inteiramente... diferente da primeira... nós vimos que ela... é diferente por que? nós vimos isso na outra aula... fala Felicitiana...</i> (NURC - EF 382) | Abertura de (sub)tópico |
| (Sub) tópicos  | Parafraseável por "mas aí"  |  | <i>F: Eu vou operá o nariz, tenho carne no nariz, na face mas a operação bo-ba, mas eu já fui duas vezes e não consegui operá por causa da pres-</i>   | Progressão Textual      |

## Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

|        |  |   |  |                             |
|--------|--|---|--|-----------------------------|
|        |  |   | <p>são que sobe, medo, essas horas eu tenho medo, aí eu cego lá a pressão tá em alta, aí manda pra casa, aí vai outro dia. Então agora eu vou procurar um hospital grande, que eu ia operá na Policlínica de Botafogo, mas aí aconteceu esse problema, aí eu fico lá internado um dia, dois controla a pressão e faz a cirurgia. (Amostra 00 (i) – r09)</p>  |                             |
| Turnos | Troca de locutor Introduce comentário sobre conteúdo do turno anterior | Acréscimo de informação, com ressalva, anulação, recuperação ou compensação | <p>Ah...cê gosta de matá os ôtru, tá bom vâmu (hes) fazê uma terapia cuintigo... é... bota ele pra sofrê na carne... E- Mas eu sempre acreditei nessa (inint) colônia agrícola, alguma coisa assim... F- Mas isso aí é bobagem... [Mas invés de ficá na cadeia vai plantar, vai mexer com terra, vai fazê...] todo bem...pra alguns isso aí seria ótimo, pra outros teria que quebrá pedra mesmo, sofrimento na carne, entendeu? (TENDÊNCIA – T31)</p> | Interpelação<br>Contestação |

### REFERÊNCIAS

- ALVAR, M. & POTTIER, B. *Morfología histórica del español*. Madrid: Gredos, 1983.
- BOURCIEZ, E. *Eléments de linguistique romane*. Paris: Klincksieck, 1967.
- CASTILHO, Ataliba T. de (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989.
- CASTILHO, Ataliba T de. Língua falada e gramaticalização. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 1, p. 107-120, 1997.
- . *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CASTILHO, Ataliba T. de; MORAIS, Maria Aparecida C. T; LAZZARINI, Sonia M. e VASCONCELOS, Ruth (orgs.). *Aquisição*,

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

*descrição e história do português*. Homenagem a Mary A. Kato. 2007.

COROMINAS, J. & PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1980-1983, 6 v.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCROT & VOGT. De magis a mais: une hypothèse sémantique. *Revue de Linguistique Romane*: 317-341, 1979.

ERNOU, A., MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

FABRI, Kátia Maria C. *Da diferenciação das conjunções adversativas em diferentes tipos de textos escritos*. Uberlândia: UFU (Dissertação de Mestrado), 2001.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1994.

———. Interferência da oralidade na aquisição da escrita. **In:** *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

———. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 1997.

MAZELAND, Harrie & HUISKES, Mike. Dutch "but" as a sequential conjunction. Its use as a resumption marker. **In:** Margret Selting & Elisabeth Couper-Kuhlen (eds.). *Studies in interactional linguistics*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, p.141-169, 2001.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. 3ªed. Lisboa: Camino, 1989.

NEVES, Maria Helena de Moura. O coordenador interfrasal *mas* – invariância e variantes. **In:** *Revista Alfa*. São Paulo: UNESP, 1984.

———. A gramática de usos é uma gramática funcional. *ALFA - Estudos em gramática funcional*. São Paulo: UNESP, 1997.

———. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

———. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.

———. *Que gramática estudar na escola?* 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

———. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. de Moura e BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. *D.E.L.T.A.* 14, no especial, 191-208, 1998.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 3ª ed. Lisboa: Clássica, 1945.

PERES, J. & NEGRÃO E. *Algumas propriedades das construções negativas do português*. Comunicação apresentada no Colóquio 'Português europeu e português brasileiro unidade e diversidade na passagem do milênio (PEPB. II Congresso Internacional da Abralín. Fortaleza, CE, 2001.

ROCHA, Ana Paula Antunes. *Gramaticalização das conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. Rio de Janeiro: PUC (Tese de Doutorado), 2006.

RODRIGUES, Andréa. *Para uma descrição do mas no discurso falado*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1993.

———. Os níveis de atuação do *mas* no discurso. **In:** *Cadernos de Estudos Linguísticos*. UNICAMP/ IEL, 1995.

RODRIGUES, David. *Mas que foi mais*. Disponível em [www.esel.ipvct.pt/~drodrigues/docs/mas.doc](http://www.esel.ipvct.pt/~drodrigues/docs/mas.doc). Acesso em 16 jul. 2009.

***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. University of Cambridge Press, 1997. (Cap. 6: Discourse Connectives: and, but, or)

SWEETZER, Eve. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge University Press, 1995.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. **In** PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: USP, 1993, p.81-101

———. O seu trabalho está bom, mas... **In**: *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA)*, vol. 14, n° especial. São Paulo: EDUC, 1998.